



Centro Zen Flor de Lótus



Lagoa Santa - MG - Brasil

SHOBOGENZO

Mestre Dogen Zenji



Capítulo

GENJO-KOAN

“O Universo Realizado”

Tradução do inglês: Gustavo Mokusen
(Da versão original de Gudo Nishijima & Chodo Cross)

Genjo significa “realizado”, e **koan** é uma abreviação de **kofu-no-antoku**, que era um quadro de notícias no qual uma nova lei era anunciada ao público na China antiga. Então **koan** expressa uma lei, ou um princípio universal. No Shobogenzo, **genjo koan** significa a lei do universo realizado, que é o Dharma, ou a própria realidade do Universo por si mesma. A base fundamental do Budismo é a crença na realidade do Universo, e no **Genjo Koan** o Mestre Dogen nos apresenta o Dharma realizado, ou a realidade do Universo por si mesma. Quando a edição de setenta e cinco capítulos do Shobogenzo foi compilada, este capítulo aparecia em primeiro lugar, e deste fato podemos reconhecer sua importância. (nota dos tradutores)

“Quando todos os dharmas são vistos como o Buda-Dharma, então há delusão e realização, há prática, há vida e há morte, há budas e há seres comuns. Quando as miríades de dharmas não são o eu, então não há delusão e realização, não há budas e seres comuns, não há vida e não há morte. A verdade do Buda originalmente transcende abundância e escassez, e por isso há vida e a morte,



há ilusão e realização, há seres e budas. E embora seja assim, é apenas por que as flores, enquanto amadas, caem; e as ervas daninhas, enquanto odiadas, florescem.

Dirigir a nós mesmos para praticar e experimentar as miríades de dharmas é ilusão. Quando as miríades de dharmas ativamente praticam e experimentam a nós mesmos, então este é o estado de realização. Aqueles que grandemente realizam a delusão são budas. Aqueles que estão muito iludidos sobre a realização são seres comuns. Há pessoas que alcançam mais realização com base na realização. Há pessoas que aumentam a sua delusão no meio da delusão. Quando os budas são realmente budas, eles não precisam se reconhecer como budas. No entanto, eles são Budas no estado de experiência, e eles continuam experienciando o estado de Buda.

Quando usamos todo o corpo-e-mente para olhar para as formas, e quando usamos todo o corpo-e-mente para ouvir os sons, mesmo que estejamos sentindo-os diretamente, isto não é como o reflexo de uma imagem num espelho, e não é como a água e a lua. Enquanto estamos experimentando um lado, estamos cegos para o outro lado.

Aprender a verdade do Buda é aprender sobre si mesmo. Aprender sobre si mesmo é esquecer-se de si mesmo. Esquecer-se de si mesmo é ser experienciado pelas miríades de dharmas. Ser experienciado pelas miríades de dharmas é deixar nosso próprio corpo-e-mente, e o corpo-e-mente do mundo externo, cair. Há um estado no qual os traços da realização são esquecidos; e isto manifesta os traços da realização esquecida por um longo, longo tempo.

Quando as pessoas inicialmente procuram o Dharma, nós estamos muito longe das bordas da Dharma. Mas, logo que o Dharma é autenticamente transmitido a nós, nós somos seres humanos em nosso elemento original. Quando um homem está velejando junto a um barco e ele move os olhos para a costa, ele tem a compreensão errônea de que a costa está se movendo. Se ele mantém os olhos fixos no barco, ele sabe que é o barco que está a avançar. Da mesma forma, quando tentamos entender as miríades de dharmas com base em suposições confusas sobre o corpo e a mente, nós podemos ter a compreensão errada que a nossa própria mente ou a nossa própria essência pode ser permanente. Se nos tornarmos familiar com a ação e voltarmos a este lugar concreto, a verdade é evidente de que as miríades de dharmas não são um eu. A lenha torna-se cinza; ela nunca pode voltar a ser lenha. No entanto, não devemos considerar que a cinza é o futuro e lenha é o passado. Lembre-se, lenha ocupa o lugar de lenha no Dharma. Ela tem um passado e tem um futuro. Embora tenha um passado e um futuro, o passado e o futuro estão cortados. Cinzas existem no lugar de cinzas no Dharma. Elas têm um passado e tem um futuro. A lenha, depois de se tornar cinzas, não volta a ser lenha. Da mesma forma, os seres humanos, após a morte, não vivem novamente. Ao mesmo tempo, é um costume estabelecido no Buda-Dharma não dizer que a vida se transforma em morte. É por isso que falamos de "nenhuma aparição". E é a pregação do Buda estabelecida no giro a roda do Dharma de que a morte não se transforma em vida. É por isso que falamos de "nenhuma desapareção". A vida é uma situação instantânea, e a morte é também uma



situação instantânea. É o mesmo, por exemplo, com o inverno e a primavera. Nós não pensamos que o inverno se torna primavera, e não dizemos que a primavera se torna verão.

A pessoa obtendo a realização é como a lua sendo refletida na água: a lua não se molha, e a água não está perturbada. Embora a luz da lua seja ampla e grande, ela é refletida em um centímetro ou um milímetro de água. A lua inteira e todo o céu são refletidos em uma gota de orvalho numa folha de grama e são refletidos em uma única gota de água. A realização não quebra a individualidade, assim como a lua não perfura a água. A individualidade não impede o estado de realização, assim como uma gota de orvalho não impede o céu e a lua. A profundidade da realização pode ser como a altura concreta da lua. A eternidade e a brevidade deste momento devem ser investigadas em grandes volumes de água e em pequenos volumes de água, e observadas na largura e na altura do céu e da lua.

Quando o Dharma não tem ainda satisfeito o corpo-mente, nós já nos sentimos repletos do Dharma. Quando o Dharma preenche o corpo-mente, nós sentimos que um lado está faltando. Por exemplo, navegando para além das montanhas e para dentro do oceano, quando olhamos ao redor nas quatro direções, o oceano parece apenas estar no formato que nos circula; não parece ter qualquer outra forma além dessa. No entanto, este grande oceano não é redondo, e não é quadrado. Outras qualidades do oceano são exaustivamente variadas: para os peixes é como um palácio e para os deuses é como um colar de pérolas. Mas tanto longe quanto os olhos podem ver, ele só parece ser circular. Assim como isso se aplica ao oceano, da mesma forma podemos entender sobre os dharmas inumeráveis. Na poeira de dentro e na moldura de fora, as miríades de dharmas abrangem inúmeras situações, mas nós apenas podemos ver e entender na medida em que nossos olhos para aprender com a prática são capazes de alcançar. Se quisermos ouvir como os inumeráveis dharmas são naturalmente, devemos lembrar que, além de sua aparência de quadratura ou arredondamento, as qualidades dos oceanos e qualidades das montanhas são numerosas e sem fim; e que existem mundos nas quatro direções. Não só a periferia é assim: lembre-se, o presente imediato, e uma única gota de água, são também assim.

Quando os peixes se movem através da água, não importa o quanto eles se movem, não há fim para a água. Quando as aves voam através do céu, não importa o quanto elas voam, não há fim para o céu. Ao mesmo tempo, peixes e aves nunca têm, desde a antiguidade, deixados a água ou o céu. Simplesmente, quando a atividade é grande, a usabilidade é grande, e quando a necessidade é pequena, a usabilidade é pequena. Atuando nesse estado, ninguém falha ao reconhecer as limitações de cada momento, e ninguém falha ao dar uma cambalhota livremente em todos os lugares; mas, se uma ave deixa o céu ela vai morrer de uma só vez, e se um peixe deixa a água ele vai morrer de uma só vez. Assim, podemos entender que a água é vida e podemos entender que o céu é vida. Os pássaros são vida, e peixes são vida. E pode ser que a vida é pássaro e que a vida é peixe. E, além disso, ainda pode haver mais progressos. A existência de suas prática-e-experiência, e a existência dos



seus tempos de vida e das suas vidas, são assim. Sendo assim, um pássaro ou peixe que tivesse como objetivo mover-se através da água ou do céu apenas depois de chegar ao fundo da água ou totalmente penetrar no céu, poderia nunca encontrar o seu caminho ou encontrar o seu lugar na água ou no céu. Quando encontramos este lugar, esta ação é inevitavelmente realizada como o Universo. Quando encontramos este caminho, esta ação é inevitavelmente a realização do Universo por ele mesmo. Este caminho e este lugar não são nem grande e nem pequeno; eles não são nem subjetivo nem objetivo; nem têm eles existido desde o passado e nem aparecem no presente; e assim eles estão presentes como isto. Quando um ser humano está praticando e experimentando a verdade do Buda neste estado, obter um dharma é penetrar um dharma, e encontrar uma ação é atuar uma ação. Neste estado o local existe e o caminho é guiado, e assim a área do conhecido não é visível. A razão disso é que este conhecimento e a realização perfeita do Buda-Dharma aparecem juntos e são experienciados juntos. Não pressuponha que aquilo que é alcançado vai inevitavelmente tornar-se autoconsciente e ser reconhecido pelo intelecto. A experiência do estado final é realizada de uma só vez. Ao mesmo tempo, a sua misteriosa existência não é necessariamente uma realização manifesta. Realização é o estado da ambiguidade por ela mesma.

O Mestre Zen Hotetsu de Mayoku Zan está usando um abanador. Um monge se aproxima e pergunta: "*A natureza do ar é ser sempre presente, e não há lugar que o ar não pode alcançar. Por que então o Mestre usa um abanador?*"

O Mestre diz: "*Você só tem o entendimento que a natureza do ar deve ser sempre presente, mas você ainda não conhece a verdade de que não há lugar que o ar não pode alcançar.*"

O monge diz: "*O que é a verdade de não haver lugar em que o ar não pode alcançar?*"

Com isso, o mestre apenas continua usando o abanador. O monge faz prostrações. A experiência real do Buda-Dharma, a estrada vigorosa da transmissão autêntica, é assim. Alguém que diz que por causa do ar estar sempre presente não é preciso usar um abanador, ou que mesmo quando não usamos um abanador nós ainda podemos sentir o ar, não sabe da eterna presença e não sabe da natureza do ar. Devido a natureza que o ar tem de ser sempre presente, o comportamento dos budistas tem feito a Terra manifestar-se como ouro e o Rio Comprido amadurecer-se em iogurte.

Shobogenzo Genjo-koan

Isto foi escrito em meados do Outono no primeiro ano de Tenpuku, e foi apresentado ao discípulo leigo Yo Koshu de Chinzei. Editado no quarto ano de Kencho.